



A INCIDÊNCIA DO USO DE ANTIDEPRESSIVOS E ANSIOLÍTICOS ENTRE ESTUDANTES DO CURSO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DA REGIÃO DO NOROESTE DO PARANÁ

Monise Carvalho Nascimento¹, Eliana Emi Yamamoto², Emilene Dias Fiuza Ferreira³

¹Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. Monisecarvalho@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. elianayamamoto97@gmail.com

³Orientadora, doutora, Docente do Curso de Medicina, UNICESUMAR. Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. emilene.ferreira@docentes.unicesumar.edu.br

RESUMO

A utilização de psicotrópicos entre discentes de medicina se difundiu como ação suplementar para o enfrentamento do cotidiano exaustivo da graduação médica. As implicações do uso dos antidepressivos e ansiolíticos, bem como o crescente surgimento de transtornos mentais entre a juventude são de restrito conhecimento. Propõe-se, portanto, um estudo do tipo transversal com discentes de medicina com a finalidade de analisar a utilização de psicotrópicos com foco nos antidepressivos e nos agentes ansiolíticos entre os graduandos, utilizando questionário online previamente validado por Tavares e colaboradores (2021). Conjectura-se, a identificação do panorama geral da saúde mental dos estudantes de medicina e as condutas farmacológicas utilizadas para mitigação dos problemas cotidianos, e com isso a elaboração de propostas de intervenção para reduzir o uso destes fármacos, logrando uma maior qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Antidepressivos; Ansiolíticos; Estudantes; Medicina.

1 INTRODUÇÃO

Os transtornos mentais, como principalmente a depressão e a ansiedade, crescem progressivamente na atualidade ao redor do mundo. Apesar de acometerem todas as faixas etárias da sociedade, os estudantes universitários mostram-se mais vulneráveis para o acometimento destas psicopatologias, sobretudo os estudantes de medicina (SACRAMENTO et al., 2021).

A depressão caracteriza-se por um transtorno multifatorial com episódios frequentes e imensamente incapacitantes de humor deprimido, isolamento social, fadigabilidade, alterações no sono e apetite de forma a prejudicar a esfera pessoal e social do indivíduo (BARROSO et al., 2018).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2017), a depressão pode ser subdividida em transtorno depressivo maior e distímia, sendo a primeira a mais prevalente e conhecida. Ademais, estima-se que cerca de 5,8% da população brasileira apresenta transtornos depressivos, equivalente a 11 548 577 de casos totais e é classificada como o maior transtorno incapacitante do mundo bem como o principal contribuinte para o suicídio - 800.000 casos por ano.

A ansiedade, por sua vez, apesar de fisiológica é fundamental para a adaptação e autoproteção humana, pode tornar-se excessiva e patológica sendo denominada como transtorno de ansiedade, o qual promove prejuízos funcionais e sofrimento na vida cotidiana do indivíduo (RODRIGUES et al., 2014). Além disso, os transtornos de ansiedade são considerados os mais comuns entre as doenças psiquiátricas de tal forma que os principais subtipos são: o transtorno de ansiedade generalizada (TAG), transtorno do pânico (TP), fobia social (transtorno de ansiedade social), fobias específicas, transtorno obsessivo-



compulsivo (TOC) e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (HALES, R.E. et al. Tratado de Psiquiatria Clínica, 5ªed).

Atualmente, a graduação médica é uma importante fonte de realizações pessoais e profissionais para muitos estudantes. Por outro lado, a trajetória acadêmica de medicina também pressupõe uma rotina longa, intensa e cansativa de atividades bem como uma forte cobrança familiar e individual (CYBULSKI; MANSANI, 2016). Somado a esses fatores, o contato frequente com o sofrimento, a dor e a morte humana promove ainda uma exaustão física e mental que favorece ao aparecimento de fatores de risco (como o estresse crônico, alcoolismo, uso de drogas incluindo medicamentos sem prescrição médica e endividamento) os quais colaboram para o desenvolvimento de doenças psicossociais como a depressão e ansiedade (MONTENEGRO-PIRES; SOUSA, 2022).

Sendo assim, segundo Montenegro-Pires (2022), o curso de medicina concentra uma maior prevalência dessas psicopatologias sendo 52% dos estudantes brasileiros diagnosticados com depressão e destes, 11,1% apontam ideação suicida. Dessa forma, o crescente número de casos de depressão e ansiedade em jovens resulta ainda na evolução do consumo de antidepressivos e ansiolíticos (RIBEIRO et al., 2013), incluindo a automedicação cada vez mais frequente entre os estudantes, os quais alimentam a busca pela melhor produtividade.

Em relação aos antidepressivos cuja ação baseia-se no controle da transmissão serotoninérgica e adrenérgica central, podem ser classificados em inibidores da enzima MAO (IMAOs), inibidores de receptação de serotonina e noradrenalina (ISRN) - os quais incluem os antidepressivos tricíclicos (ATC), os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS), os inibidores de recaptção de serotonina-norepinefrina (IRSN) e inibidores seletivos de recaptção de norepinefrina (ISRN) - bem como antidepressivos atípicos como a bupropiona e mirtazapina. Dentre os citados, os ISRS atualmente são fármacos de primeira linha no tratamento de depressão e ansiedade devido a sua maior seletividade e menor efeitos colaterais (GOLAN, Princípios da farmacologia, 3ªed).

Os ansiolíticos, por sua vez, utilizados no tratamento do controle da ansiedade tem como ação o controle de liberação gabaérgica, serotoninérgica e noradrenérgica, uma vez que os transtornos de ansiedade caracterizam-se por uma diminuição da liberação de GABA e uma hiperativação e aumento de noradrenalina e serotonina. As classes de fármacos, neste caso, incluem os benzodiazepínicos, barbitúricos, agonistas serotoninérgicos e os próprios antidepressivos. É importante destacar ainda que, em transtornos mentais, os fármacos muitas vezes são prescritos de forma a combinar mais de uma classe e, portanto, é comum o uso de dois ou mais fármacos antidepressivos e ansiolíticos pelo mesmo paciente (GOLAN, Princípios da farmacologia, 3ªed.).

Portanto, em meio ao contexto atual de inúmeros transtornos mentais que assolam os estudantes pré-médicos, o presente projeto tem a importância de reunir fatores desencadeadores que induzem a utilização dos fármacos, correlacionando com a importância do autocuidado voltado para a saúde mental desses discentes.

Sendo assim, o presente estudo, tem por objetivo analisar o uso de antidepressivos e/ou ansiolíticos pelos estudantes de medicina de forma a identificar e comparar o início do uso, a classe de medicamentos bem como as causas do uso desses e suas consequências.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa trata-se de um estudo analítico observacional do tipo transversal sendo agregado quanto ao número de indivíduos, com amostragem incluindo estudantes de medicina do sexo masculino e feminino com faixa etária entre 18 anos e 40



anos de universidade privada da região Noroeste do Paraná, que evidenciem o desejo de participação da pesquisa por espontaneidade.

O instrumento de coleta de dados será através de questionário previamente validado por Tavares e colaboradores (2021) com algumas modificações. O questionário terá perguntas objetivas que fazem referência a utilização de antidepressivos e ansiolíticos e identificação sociodemográfica.

A priori, será realizado um levantamento de dados a partir dos subseqüentes recursos: livros de psiquiatria, livros de farmacologia e artigos científicos, no período de 2010 ao ano de 2022, sobre o tema identificado nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Pubmed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Sendo utilizado o Descritores em Ciência da Saúde (DeCS/MeSH) para empregar os descritores “Antidepressivos”, “Ansiolíticos”, “Depressão”, “Ansiedade”, “estudantes de medicina”.

O critério de inclusão utilizado será a aceitação de participação do sexo feminino e masculino entre 18 e 40 anos de idade, por intermédio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias de igual teor e forma. Serão excluídos da pesquisa os indivíduos do sexo feminino e masculino menores de 18 anos e maiores de 40 anos e que recusarem a assinar o TCLE.

Todos os procedimentos de intervenção deste estudo serão submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da UniCesumar para apreciação e só serão desenvolvidos após sua aprovação integral. Os dados qualitativos e quantitativos serão tabulados e posteriormente analisados por meio de estatística descritiva baseada na distribuição de frequência e de tendência central e ANOVA Bloked, respectivamente. O nível de significância adotado será de 5%.

3 RESULTADOS ESPERADOS E DISCUSSÕES

Através da aplicação de formulários online via Google Forms, a pesquisa busca analisar a utilização dos psicotrópicos entre os graduandos de medicina de universidade privada. Isto posto, estima-se levantar dados quanto aos possíveis vieses farmacológicos adotados pelos estudantes de medicina frente aos diversos eventos estressores durante a formação acadêmica, bem como sua relação benéfica ou maléfica durante o período de utilização.

Nesse sentido, espera-se obter como achados primários um aumento em relação ao uso dos principais medicamentos. Ademais, esta pesquisa objetiva a compressão do aspecto psicossocial das enfermidades, em especial depressão e ansiedade, bem como a influência delas sobre o cotidiano dos discentes. Desse modo, o presente estudo torna-se uma alternativa eficaz para o desenvolvimento de um plano de ação direcionado à saúde mental dos estudantes de medicina e elevação de seu conhecimento acerca dos fármacos antidepressivos e ansiolíticos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se concluir por meio dos dados coletados pela presente pesquisa, uma relação entre o uso crescente de antidepressivos e ansiolíticos por alunos do Curso de Medicina e o contato dos mesmos com questões inerentes à trajetória acadêmica já citadas anteriormente.

Para tanto, é necessário que exista um acompanhamento do percurso patológico das doenças nos graduandos, a partir desse conhecimento, facilitar a estruturação de estratégias que colaborem para a melhora da saúde mental e conseqüente qualidade de



vida dos estudantes de medicina visando o aprimoramento do autocuidado em relação a essas classes de fármacos.

REFERÊNCIAS

BARROSO, S. M.; OLIVEIRA, N. R.; ANDRADE, V. S. Solidão Depressão: Relações com Características Pessoais e Hábitos de Vida em Universitários. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2019.

CYBULSKI, C.A.; MANSANI, F.P. Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Revista Brasileira de Educação Médica. 2017.

HALES, R.E. et al. Tratado de Psiquiatria Clínica. 5a ed. Porto Alegre: Editora Artmed LTDA, 2012.

MONTENEGRO-PIRES, J.L; SOUSA, M.N.A. Depressão entre estudantes de Medicina no ano de 2022: um estudo comparativo entre o ensino tradicional e ativo. Revista Ces Medicina. 2022.

RIBEIRO, A.G et al. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. Ciência & Saúde Coletiva. 2013

RODRIGUES, J.R. et al. Ansiedade em meio clínico: Construção de uma escala para estudantes de medicina. Revista Científica da Ordem dos Médicos. 2014

SACRAMENTO, B.O. et al. Sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina: estudo de prevalência e fatores associados. Revista Brasileira de Educação Médica. 2021.

TAVARES, R. T. et al. Avaliação do uso de psicofármacos por estudantes de Medicina. Revista de Ciências Médicas e Biológicas. V.20. n.4., 2021.

GOLAN, D.E. et al. Princípios da farmacologia - A base fisiopatológica da farmacologia. 3ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, Depression and other common mental disorders - Global Health Estimates, 2017.